

Avaliação da Adoção de Medidas de Prevenção e Controle da AIE em Equídeos de Serviço em Corumbá¹

Márcia Furlan Nogueira², Hildeberto Valle Petzold³, Raquel Soares Juliano², Andréa Luiza da Costa Oliveira⁴, Débora Karla Silvestre Marques², Jenner Karlisson Pimenta dos Reis⁵

Um estudo realizado pela Embrapa Pantanal de 1990 a 1995, envolvendo 3.285 cavalos pertencentes a 28 fazendas no Pantanal Sul-Matogrossense revelou, pelo teste de imunodifusão em gel de ágar (IDGA), que dentre as classes (serviço, chucros, reprodutores e redomões), a maior prevalência de anemia infecciosa equina (AIE) estava entre os animais de serviço, que são aqueles com maior chance de infecção por serem intensamente manejados. Um pacote tecnológico para a prevenção e o controle da AIE nas propriedades do Pantanal foi desenvolvido pela equipe da Embrapa Pantanal, composto por diferentes estratégias, como separação e manejo dos animais positivos, monitoramento dos negativos e obtenção de potros negativos. Sabe-se que, na época da realização do estudo, apenas 15% das propriedades envolvidas adotaram, efetivamente, a tecnologia gerada. Atualmente, não há informações sobre a efetiva adoção, ou não, pelos proprietários rurais da região, de medidas de prevenção e controle da enfermidade. O objetivo deste trabalho foi avaliar a adoção de medidas de prevenção e controle da AIE em equídeos de serviço no município de Corumbá. No período de setembro a novembro de 2009, visitaram-se 34 propriedades distribuídas nas sub-regiões do Nabileque (n=7), Paiaguás (n=18) e Nhecolândia (n=9), e nesta ocasião um questionário foi aplicado ao responsável pelo manejo dos equídeos. Dezenove (56%) questionários foram respondidos pelo “capataz” das fazendas, cinco (15%) pelo “gerente”, cinco (15%) pelo proprietário e o restante por “outros” (filho do proprietário, administrador, veterinário, peão, etc). Vinte e uma (62%) fazendas mantinham equinos, muares e, ou, asininos, e 11 (32%) apenas equinos. O efetivo equídeo do conjunto de propriedades estudadas compreendeu 2296 equinos (tropas variando de 13 a 250 animais), 315 muares (um a 40) e 11 asininos (um a quatro), totalizando 2622 equídeos, os quais eram utilizados para a lida na fazenda – principalmente manejo do gado – e para o serviço de comitiva. Questionados sobre a realização do exame para AIE nos equídeos, 21 (62%) relataram que este não era feito na propriedade, e dois, que era realizado apenas para alguns animais. Em uma fazenda, foi realizado apenas uma vez, em outra, foi realizado pela última vez há dois anos e, numa terceira, há quatro anos. Em oito (23%) propriedades, cinco na Nhecolândia e três no Paiaguás, o exame era realizado. Dentre as propriedades nas quais o exame era realizado, em quatro (12%) afirmou-se não haver mais cavalos soropositivos, que teriam saído da propriedade (ido para outra fazenda ou sido vendidos). Entre as outras quatro, em três não separavam os animais soropositivos, os quais trabalhariam igual, ou “muitas vezes até mais”, que os soronegativos; em duas não separavam a tralha de positivos e negativos e uma relatou também não mantê-los em internadas separadas. Na única propriedade onde se relatou separar os soropositivos, também eram separadas a tralha e internadas – 500 metros de distância -, e o desmame era realizado aos oito meses. Entre as outras propriedades que faziam o exame para AIE, o desmame era realizado entre sete meses a um ano. Nas propriedades que os possuíam, os muares e asininos eram submetidos ao mesmo manejo que os equinos. Vinte e um interlocutores (62%) relataram não ter ouvido falar do Programa de Prevenção e Controle da AIE da EMBRAPA, e 13 (38%), sim (quatro em outra fazenda, três pela TV, dois pela Embrapa, um pelo proprietário e outros não especificaram). Dentre os 21 entrevistados que afirmaram que o exame não era realizado na fazenda, 13 (38%) não tinham ouvido falar no Programa, porém oito (24%), tinham. Dentre os oito que afirmaram realizar o exame na fazenda, cinco (15%) desconheciam o Programa e três (9%) tinham conhecimento do mesmo. Quatorze (41%) entrevistados afirmaram perceber quando o animal é anêmico, e 10 (29%) não perceber. Onze (32%) responderam que não há outra doença que pode ser confundida com anemia, mas 13 (38%), que há, tendo sido mencionados o garrotilho (“o animal sente demais, fica fraco”) por quatro vezes, a peste de cadeiras por três vezes, e a encefalomielite e a raiva uma vez cada. Segundo os entrevistados, o que mais mata equídeos no Pantanal é “cobra” (27 menções), depois a AIE (cinco), mal de cadeiras (quatro), ferida da moda (três), encefalite (três), garrotilho (três) e onça (uma).

¹ Apoio Financeiro: Fundect, Embrapa Pantanal e UFMG

² Pesquisadoras da Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (furlan@cpap.embrapa.br, raquel@cpap.embrapa.br, marques@cpap.embrapa.br)

³ Assistente de Pesquisa da Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (petzold@cpap.embrapa.br)

⁴ Acadêmica do Curso de Biologia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e bolsista PIBIC da Embrapa Pantanal, Caixa Postal 109, 79320-900, Corumbá, MS (deka657@yahoo.com.br)

⁵ Professor do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Escola de Veterinária, UFMG, Caixa Postal 567, 30123-970, Belo Horizonte, MG (jenner@ufmg.br)